



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

O RELEVO E AS ROTAS GEOGRÁFICAS: A DEPRESSÃO CUIABANA E SEU ENTORNO POSSIBILITANDO CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS.

Cleyton Normando da Fonseca
Professor adjunto da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)
cleytongeo10@gmail.com

Wellington Alves Aragão
Professor Doutor do Instituto Federal do Acre (IFAC)
welledu@yahoo.com.br

Resumo: Apresentamos neste artigo, um esforço teórico e prático, parte de pesquisa de doutoramento, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás e que dialoga diretamente com outro projeto de pesquisa intitulado: Formas da Depressão Cuiabana e entorno: o potencial do relevo para a construção do conhecimento geográfico, desenvolvido junto ao departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá. Elegemos o componente físico-natural relevo como objeto, propondo uma alternativa pedagógica para que Geografia Escolar por meio do docente como mediador e se utilizando do trabalho de campo nas escolas da rede pública estadual de Mato Grosso, possa resgatar a importância da compreensão de assuntos ligados às temáticas físicas da Geografia, que na atualidade ainda carece de maiores problematizações e discussões que permitam maior envolvimento dos estudantes, maiores reflexões, formação de conceitos e materializar a conexão local-global, macro e micro. Entendemos desse modo que a identificação de pontos geográficos e o estabelecimento de rotas geográficas, confrontam o método enfadonho e tradicional de ensino de Geografia, valorizam o lugar, o cotidiano e ensinam a cidadania, pois gera conhecimentos geográficos e possibilita avanços no processo de ensino-aprendizagem. Assim, cremos que nossa possibilidade aqui descrita colaboração na construção do olhar geográfico dos estudantes, bem como nas discussões acerca do ensino de Geografia.

Palavras-Chave: Relevo; ensino de Geografia; rotas geográficas; conhecimento geográfico

Introdução

Ao explorarmos o componente físico-natural relevo em trabalho de doutoramento dentro de uma abordagem escalar, no exercício de envolver tanto a escala cartográfica quanto a geográfica, pudemos ter a noção do quanto a análise mais reflexiva das formas, independente de seu tamanho (micro, meso ou macroformas), contribuem na produção do conhecimento geográfico. Vimos também que a metodologia do trabalho de campo nos parece ser a amálgama necessária para que esse conhecimento se torne mais palatável e assim, estudantes da escola básica possam olhar a paisagem com os óculos da Geografia, especialmente o relevo que muitas vezes é visto apenas como um morro ou colina que não mereça a devida atenção. O privilégio de vislumbrarmos no Mato Grosso, especialmente Cuiabá e seus arredores, um ambiente diverso de formas de relevo, nos desnuda uma potencialidade fértil para que o docente possa fazer uso no processo de ensino-aprendizagem. Daí nossa colaboração para o debate no ensino de Geografia, em estabelecer as “Rotas geográficas”.

Ainda como frutos da tese de doutoramento que se estabeleceu em escolas públicas de Cuiabá, capital de Mato Grosso e mais outros três municípios vizinhos (Várzea Grande, Chapada dos Guimarães e Santo Antônio do Leverger), pudemos constatar que as grandes formas do relevo (planalto, planície e depressão) ainda são as que se destacam e fazem parte do dia a dia na sala de aula do professor de Geografia. Portanto, formas menores como morros, colinas, vertentes, planícies de inundação, ravinas, são rotineiramente esquecidas, desconhecidas e ou abandonadas pelo ofício docente. Bem sabemos que são exatamente essas as formas do cotidiano, aquelas que costumeiramente subimos, descemos e impactamos. O aspecto local nesse sentido é quase que suprimido pela “relevância” macro. Neste artigo trataremos os resultados das investigações de algumas formas de relevo de Cuiabá e arredores que culminaram na construção e teorização das “Rotas geográficas”.

Metodologia

Alicerçados na metodologia do trabalho de campo como aquela que consegue pedagogicamente, melhor responder nossos questionamentos e assim propiciar a construção de conhecimentos geográficos passamos a identificar algumas formas de relevo, que tivessem

potencial para tal. Essa espécie de catalogação da superfície local continua atualmente em um projeto de pesquisa desenvolvido intitulado: Formas da Depressão Cuiabana e entorno: o potencial do relevo para a construção do conhecimento geográfico, desenvolvido junto ao departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. Portanto, este artigo está relacionado aos levantamentos e apontamentos teóricos, bem como aos trabalhos de campo que subsidiaram nossa tese de doutorado defendida no Programa de Pós Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia (2019), bem como às atividades (levantamento de novos referenciais teóricos e trabalhos de campo) executadas no referido projeto de pesquisa, na atualidade.

Resultados e discussão

“O olhar geográfico necessita romper com o sincretismo da paisagem e, assim, levar o aluno a enxergar o que não vê.” (CASTROGIOVANNI, et al. 2016, p. 14).

Como docentes, quando propomos qualquer exercício que envolva o componente físico-natural relevo, pensamos que sua subjetividade deva ser testada e que só se permite tal comportamento quando buscamos a transformação de um leigo olhar em olhar geográfico, permitindo aos alunos ver muito além do que é posto, perfeitamente em consonância com o que a citação anterior aponta. Nesse sentido pensamos que a metodologia do trabalho de campo para a educação básica, além de ser na essência, atrativa, é a oportunidade de romper alguns limites dados pelos muros da escola e fundamentalmente a oportunidade para que o diálogo e ou o conflito teórico/prático se estabeleça e desse modo possa gerar conhecimento geográfico. Sobre a importância dessa metodologia, Fonseca (2019), discorre:

No campo, evidentemente planejado, é onde torna-se possível a transformação do senso comum dos alunos, quando perceberem que os conteúdos ganham vida no plano real. Ou seja, que existe uma dinamicidade no espaço que, outrora, o livro didático contemplou, mas que agora se consegue caminhar sobre ela. Que, nesse momento, é possível desfrutar da paisagem, do lugar, denotá-los em sua essência e questionar sua origem, fazer reflexões sobre sua situação atual, mas com os óculos da Geografia. (FONSECA 2019, p. 162)

De outra forma não menos importante, também concordamos com Santos (1999, p. 120) quando sustenta que o campo “implica na compreensão do vivido, o qual deriva dos atos

práticos que as pessoas, a partir de suas organizações sociais, vão construindo no tempo e no espaço”.

Somado a isso, a escolha do relevo, sem necessariamente priorizar as macroformas algo ainda recorrente na Geografia escolar, nos propicia não afastar a grande forma, mas de outro modo, caminhar por ela oportunizando que formas menores (mesos e micros) sejam também observadas, caracterizadas e problematizadas. Dentro desse contexto, a leitura do espaço geográfico tenta compreender o todo e nos afasta de uma visão fragmentada e distante da realidade. cremos que quando Bertolini (2010) expõe sobre o relevo “formas dentro de formas”, para entendê-lo e situar-se dentro da espacialidade é necessário considerá-lo dentro de uma abordagem escalar, tanto cartográfica quanto geográfica, onde a relação local-global seja elemento basilar na construção do conhecimento.

Com esse pensamento de contribuir na produção do conhecimento geográfico, no ensino médio, observamos então que o ambiente rico em variedades de formas e fenômenos faz de Cuiabá e de seu entorno, áreas potenciais para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, em Geografia, especialmente para a educação básica. Aliás o Estado de Mato Grosso por inteiro se coloca como potencial. Primeiro por contar com os três tipos de grandes formas existentes no Brasil: planalto, planície e depressão. Segundo pela quantidade e diversidade de formas menores no interior dessas macros. Importante ressaltar que a classificação do relevo brasileiro proposta pelo professor Jurandyr Ross nos anos de 1990, acentuou sobremaneira tal situação. Com base nessa classificação, de modo geral, Cuiabá e Várzea Grande estão dentro da denominada Depressão Cuiabana, Ross (2014) assim caracteriza essas feições:

As depressões apresentam relevo em forma de colinas amplas com vales pouco entalhados, vertentes com declividades muito baixas, normalmente abaixo de 5° ou 10%, e fundos de vale rasos. A densidade de canais de drenagem é bastante baixa, muito controlada pela estrutura subjacente, sendo a maioria dos canais de primeira e segunda ordem com drenagem intermitente. Essas formas de relevo de gradientes topográficos modestos, estão esculpidas nas rochas do Grupo Cuiabá, que correspondem aos metassedimentos, destacando-se os metarenitos, filitos e quartzitos, sendo frequentes os veios de quartzo na massa rochosa. (ROSS, 2014, p.188)

Ao longo da Depressão Cuiabana, os morros e colinas se destacam na paisagem dividindo espaço com algumas planícies de inundação, ora maiores como a do Rio Cuiabá, ora menores como a do Córrego da Prainha, na região central da capital do Mato Grosso. Na

foto 1 abaixo, o Morro do Despraiado, que recentemente gerou intenso debate na sociedade cuiabana em função de seu uso e ocupação.



Foto 1: Morro do Despraiado – Av. Miguel Sutil Cuiabá-MT
Fonte: Trabalho de campo na Depressão Cuiabana, FONSECA, 2019.

Essas formas (morros, colinas, planícies de inundação) se transformaram em pontos de estudos, onde a partir de observações minuciosas, no local e em levantamentos teóricos, ousamos estabelecer seus potenciais geográficos, constituíram o que denominamos de sentido geográfico dos pontos (formas). Assim, denominamos esses locais como pontos geográficos. Esses retratos do potencial de cada forma visitada e analisada percebemos como conteúdo importante ao processo de ensino-aprendizagem, em Geografia, no nível médio. Desse modo, estabelecidos esses pontos temos em mente que apresentamos um encaminhamento didático-pedagógico, onde se possibilita ler o relevo em toda sua plenitude de formas e processos, avançando no reconhecimento das múltiplas relações possíveis no espaço geográfico. Atualmente ao longo da Depressão Cuiabana e arredores conseguimos identificar 11 pontos geográficos. São eles:

- Morro da Caixa D'água Velha;
- Planície de inundação do Córrego da Prainha;
- Mirante da Chapada;
- Morro de Santo Antônio;
- Morro do Rosário;

- Morro da Luz;
- Planície de inundação do Rio Coxipó;
- Morro do Despraiado;
- Ravina da República do Líbano;
- Morro do INPE;
- Praia bar de Santo Antônio.

Cabe salientar que alguns desses, a saber: o Morro da Caixa D'água Velha; o Mirante da Chapada, a Praia Bar, o Morro de Santo Antônio, o Morro do Despraiado, a Planície de inundação da Prainha e a Ravina da República do Líbano, além de identificados, já foram por nós caracterizados, discutidos e problematizados inclusive em trabalhos de pesquisas anteriores.

Como dito, reiteramos que a metodologia trabalho de campo norteie esse processo de ensino-aprendizagem na Geografia escolar, onde a partir do planejamento e dos objetivos traçados pelo professor se pode desenhar uma rede de locais (pontos) a serem objetos de estudos. Exatamente nesse âmbito que nasce o que Fonseca (2019) denomina Rotas Geográficas. Explica o autor:

[...] era necessário projetar qual “caminho” seria configurado, no espaço geográfico, pelo trabalho de campo. Em avaliação da literatura a respeito, bem como práticas de alguns docentes junto aos cursos de graduação em Geografia, da Universidade Federal de Mato Grosso, encontramos algumas denominações como: trilha geográfica, roteiros geomorfológicos, expedições geográficas e roteiros de campo. De acordo com Ferreira (2010), ROTA significa, dentre outros, caminho, direção, rumo. Como falamos do trajeto que seria percorrido durante a atividade de campo, e como ele seria aproveitado para estudos que envolvem a temática relevo, na Geografia Escolar, resolvemos, com base nessas observações, bem como nos objetivos de nossa pesquisa, denominar nossos trajetos de “Rotas geográficas”. (FONSECA, 2019, p.158)

Ao estabelecermos uma Rota geográfica local-regional, com base no relevo, unindo os pontos de estudos, consolidamos no trecho “Chapada-Depressão-Pantanal”, uma possibilidade de construção de conhecimentos onde o professor da escola básica, como mediador, será o responsável em transformar o olhar muitas vezes irrefletido do estudante em um olhar reconhecidamente geográfico.

Referências

- BERTOLINI, W. Z. **O ensino do relevo: noções e propostas para uma didática da geomorfologia.** Dissertação (Mestrado), Minas Gerais – Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, 2010.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.); ROSSATO, M. S.; CÂMARA, M. A.; LUZ, R. R. S. **Ensino da Geografia: caminhos e encantos.** 2ª ed. – Porto Alegre: Edipucrs, 2016.
- FONSECA, C.N. **Ensino de Geografia a partir da temática relevo:** uma abordagem escalar utilizando a metodologia de trabalho de campo para encaminhamentos didáticos no ensino médio. Tese (doutorado), Goiânia - GO, Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2019.
- ROSS, J. L. S. Chapada dos Guimarães: borda da bacia do Paraná. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 28, p. 180-197, 2014.
- ROSS, J. L. S. Relevo brasileiro: uma nova proposta de classificação. In: **USP.** Revista do Departamento de Geografia. São Paulo, 1985.
- SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Revista Sociedade e natureza**, Uberlândia MG, v. 11, n. 21/22, 1999.